



# PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.121.AO09>

## A natureza subjetiva do suicídio segundo a psicanálise: uma análise pós-pandêmica

*The subjective quality of suicide according to psychoanalysis: a post-pandemic analysis*

---

Gabriela Oliveira Lourenço  
Centro Universitário UniFio de Ourinhos  
<https://orcid.org/0000-0002-5586-3909>  
[lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com](mailto:lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com)

Eduardo Toshio Kobori  
Centro Universitário UniFio de Ourinhos  
<https://orcid.org/0000-0002-0846-0680>  
[eduardo.kobori@unifio.edu.br](mailto:eduardo.kobori@unifio.edu.br)

---

### Resumo

O objetivo desse artigo é discutir aspectos do sofrimento psíquico intrínsecos ao suicídio. Fundamentado pela descrição acerca do fenômeno, sublinha a dimensão inconsciente dos comportamentos e pensamentos, os quais se relacionam com questões intrapsíquicas e intersubjetivas, onde o sujeito, diante do excesso de dor, vê a finitude de sua vida a única forma de alívio para o seu sofrimento. A investigação utiliza como método a revisão narrativa de literatura e visa apreender o suicídio sob a perspectiva do referencial teórico psicanalítico em contraponto à realidade contemporânea. Logo, o escopo investigativo contemplou desdobramentos da COVID-19 sob a ótica da angústia e do trauma, suscitando questões sobre as forças pulsionais enquanto influenciadoras dos processos psíquicos, as quais levam à compulsão de situações análogas e à autodestruição, à medida que tencionam a elaboração de eventos traumáticos por meio de mecanismos de adaptação. Diante disso, atribuir significados aos conteúdos inconscientes possibilita a elaboração de vivências traumáticas e dolorosas. Ou seja, a rememoração e a expressão dessas experiências são fundamentais para transformar padrões repetitivos, promovendo sentido ao inapreensível pelo reconhecimento e a elaboração do sofrimento psíquico associado ao suicídio.

**Palavras-chave:** Suicídio; Psicanálise; Sofrimento psicológico; Pandemia; Covid-19.

### Abstract

*The objective of this article is to examine the psychic suffering inherent to suicide. The description of the phenomenon draws attention to the unconscious dimension of behaviors and thoughts related to intrapsychic and intersubjective issues. In situations where the subject is confronted with excessive pain, they may perceive the finitude of their life as the sole means of relieving their suffering. The research employs a narrative literature review as its methodology, with the objective of elucidating the phenomenon of suicide from the vantage point of the psychoanalytic theoretical framework, in contrast to the prevailing contemporary reality. Accordingly, the investigative scope encompassed the evolution of the Coronavirus disease (Covid-19) from the vantage point of anguish and trauma, prompting inquiries into the motivating forces that shape psychic processes, which ultimately result in the compulsion to reenact analogous scenarios and self-annihilation, as individuals strive to process traumatic experiences through adaptive mechanisms. It can therefore be argued that attributing meanings to unconscious contents represents a key step in the process of dealing with traumatic and painful experiences. In other words, remembering and expressing these experiences is fundamental to transforming repetitive patterns, making sense of the unseen by recognizing and elaborating the psychological suffering associated with suicide.*

**Keywords:** Suicide; Psychoanalysis; Psychological Distress; Pandemics; Covid-19.

### Resumen

*El objetivo de este artículo es analizar aspectos del sufrimiento psíquico intrínseco al suicidio. A partir de la descripción del fenómeno, se destaca la dimensión inconsciente de los comportamientos y pensamientos relacionados con cuestiones intrapsíquicas e intersubjetivas. En estas situaciones, el sujeto, enfrentado a un dolor excesivo, ve en la finitud de su vida la única forma de aliviar su sufrimiento. La investigación utiliza una revisión bibliográfica narrativa como método y tiene como objetivo comprender el suicidio desde la perspectiva del marco teórico psicoanalítico en contraste con la realidad contemporánea. Por lo tanto, el alcance investigativo contempló el desenvolvimiento del COVID-19 desde la perspectiva de la angustia y el trauma, planteando cuestiones sobre la influencia de las fuerzas pulsionales en los procesos psíquicos, que llevan a la compulsión de repetir situaciones semejantes y a la autodestrucción, al intentar elaborar los eventos traumáticos a través de mecanismos de adaptación. Por lo tanto, atribuir significados a los contenidos inconscientes permite hacer frente a las experiencias traumáticas y dolorosas. En otras palabras, recordar y expresar estas experiencias es fundamental para transformar los patrones repetitivos, dar sentido a lo invisible y reconocer y elaborar el sufrimiento psicológico asociado al suicidio.*

**Palabras clave:** Suicidio; Psicoanálisis; Sufrimiento psíquico; Pandemia; Covid-19.

---

## Introdução

*A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la — e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço* (Jorge & Ferreira, 2005, p.71).

O sofrimento psíquico é crescente no cenário contemporâneo, cujo impacto fica evidenciado nas alterações das rotinas diárias até a incapacitação ao longo do tempo, o que pode vir a suscitar ideações suicidas. De acordo com o mais recente relatório da World Health Organization (WHO, 2022), em 2019 um bilhão de pessoas no mundo foram afetadas por problemas relacionados ao sofrimento psíquico, o que diminui a expectativa de vida, em média, de dez a vinte anos, 14% dessa amostra correspondendo a crianças e adolescentes. Como efeito, essa taxa prevalente reverbera em cerca de oitocentos mil suicídios a cada ano, isso sem pormenorizar casos subnotificados. Desse modo, inúmeros impactos advindos desse fenômeno apontam que as mortes decorrentes de suicídio atingem diversas pessoas próximas ao sujeito que cometeu suicídio, as quais tencionam pôr fim à própria vida (Cruz et al., 2019). Essas pessoas, denominadas sobreviventes, desenvolvem pensamentos obsessivos relacionados à morte, movidos por diversos sentimentos de perplexidade, vergonha, culpa e tristeza. Nesse aspecto, estando entre as principais causas de morte no mundo, o suicídio se torna um problema de saúde pública por ameaçar, em ampla escala global, a saúde, o bem-estar e a vida populacional (Cassorla, 2017; Martin et al., 2022; World Health Organization, 2022).

Nesse contexto, observa-se que uma parcela substancial das tentativas suicidas, caracterizadas por pensamentos persistentes e recorrentes acerca da morte, autolesões ou desejo de morte tem origem no sofrimento psíquico, como a depressão, representando cerca de 80% dos casos (Lopes, 2007). Ademais, o abuso de substâncias psicoativas e a esquizofrenia também se apresentam como fatores desencadeadores para o surgimento desses pensamentos, para os quais a morte é concebida como a única escolha. Este substrato revela maior incidência em segmentos populacionais em extrema vulnerabilidade social, como LGBTs, imigrantes, refugiados e povos indígenas,

indicando que a predisposição à depressão não está restrita às manifestações clínicas, mas está intimamente relacionada a causas externas que precipitam comportamentos de risco, como o suicídio, o qual impacta determinados grupos populacionais de forma desproporcional e nada equalitário (Brasil, 2021; Lopes, 2007).

Há diferentes conceituações de suicídio, a depender do autor. Para alguns, o suicídio não está relacionado a um quadro patológico, já para outros, correlaciona-se ao autoextermínio, um transtorno psíquico preexistente. Todavia, o que está intrínseco à finitude humana é correlato à natureza subjetiva e não à determinante, podendo estar ou não relacionado com causas preexistentes como transtornos psíquicos (Ferracioli et al., 2019). De acordo com Menninger, citado por Kovács (1992), o suicídio se define pelo homicídio de si mesmo, onde o sujeito é assassino e assassinado, envolvendo três fatores predominantes: o desejo de matar, o desejo de ser morto e o desejo de morrer. Essa sobredeterminação toca ambiência como o desejo de morrer e sequencialmente de ser salvo.

Diante da ruptura radical intrínseca ao sofrimento psíquico, correlaciona-se a conceituação acima com os aspectos contemporâneos, tendo como hipótese que o número de casos de suicídio pode estar subestimado devido à subnotificação e ao atraso na liberação de dados, segundo a World Health Organization (2022), os quais mascaram a realidade atual. Tais circunstâncias contemporâneas podem ser compreendidas, tanto sob a identificação de ideações suicidas generalizadas, evidenciadas pelo aumento no número de casos de automutilação entre adolescentes, quanto pelo esgotamento físico e psíquico dos profissionais de saúde, o isolamento social, medo, solidão, baixa qualidade de sono e impactos na saúde física e mental, certificando a importância em compreender a natureza idealizadora como base para estratégias e manejos preventivos.

Outrossim, há uma percepção emergente sobre o impacto do luto e a ausência de rituais durante a pandemia de SARS-CoV-2, abreviação de *Severe Acute Respiratory Syndrome* ou Síndrome Respiratória Aguda Grave, mais conhecida como COVID-19, os quais assinalam uma lacuna crucial nas investigações das consequências sentidas no período contemporâneo e pós-pandêmicas, relacionadas ao suicídio (Lourenço & Kobori, 2023). Além disso, a pandemia exacerbou as desigualdades sociais, ampliando quadros patológicos preexistentes e/ou os suscitando, sobretudo em grupos minoritários como mulheres, jovens e sujeitos em intenso sofrimento (World Health Organization, 2022).

Diante dessas considerações, justifica-se a relevância de investigações em camadas mais profundas sobre a temática, almejando compreender aspectos ainda latentes que possam se desdobrar sob a realidade contemporânea e levar a casos de suicídio.

O percurso conceitual se deu da seguinte forma: explorou-se o conceito de melancolia como sendo diferente do luto, essencialmente o ponto de relação entre a melancolia e o suicídio, por meio do texto freudiano *Luto e Melancolia* (1917[1915]/2010b), visando sublinhar em que circunstâncias a reação à perda real do objeto amoroso, tal como o luto, desponta em um investimento objetal tão identificado que ataca a si mesmo equivale a atacar o objeto que foi perdido. Diante da resistência do sujeito, a agressividade recai sobre o Eu, levando-o à autodestruição. Mesmo na ausência ou eliminação do objeto, identifica-se como resultado, que a aniquilação do sujeito se expressaria em uma obsessão com o objeto perdido, como ponto axiomático. Associou-se a isso as formações sintomáticas manifestadas ou acentuadas no período da pandemia, principalmente pelo aumento do número de mortes e a impossibilidade de realização dos ritos funerários, as quais emergiram como questões fundamentais para a condição de realização do trabalho do luto, o qual se estende do plano subjetivo ao social. Destarte, a finalidade é atribuir outros sentidos para a compreensão do que permeia o ato de suicídio, buscando traçar um ponto conectivo entre as concepções mais relevantes sobre esses estados de sofrimento psíquico graves e as percepções contemporâneas. Isso inclui considerar, não apenas a evolução teórico-clínica, mas também as distintas manifestações biopolíticas e sociais (Dunker, 2023; Birman, 2020).

Em última análise, o dualismo pulsional proposto por Freud no artigo intitulado *Além do princípio do prazer* (1920/2010a) dará base para o escopo investigativo que discorrerá acerca do conflito das forças pulsionais e o que impulsiona o sujeito a determinados sentimentos e sensações, ou ao ato de suicídio, diante do seguinte questionamento: de que maneira experiências marcadas pelo desprazer podem, paradoxalmente, se reiterar de forma persistente na vida psíquica do sujeito, levando-o à repetição como forma elaborativa para a dor? Além disso o sofrimento psíquico decorrente de causas intrapsíquicas, traumas, lutos patológicos, pensamentos persistentes e/ou tentativas de suicídio estabelecem um ponto fenomenológico para a compreensão deste, tanto do ponto de vista subjetivo quanto psicossocial.

A presente investigação, portanto, visa promover o diálogo acadêmico sobre o suicídio no contexto contemporâneo, considerando o impacto singular da pandemia sobre esta geração, posto que estudos sobre o tema têm sido negligenciados devido aos estigmas associados à relutância em discuti-lo abertamente. Reconhece-se a relevância de estratégias de prevenção e manejos interventivos, como apontado pela World Health Organization (2022), e acredita-se que os resultados deste trabalho possam oferecer subsídios para essas abordagens e práticas em todo o âmbito acadêmico.

### **Objetivos**

O trabalho se concentra em aprofundar questões inconscientes e subjetivas relacionadas ao fenômeno do suicídio, buscando compreensão ampliada que complemente distintas perspectivas às diversas formas de subjetivação do sujeito.

### **Método**

Enquanto método este artigo vale-se da revisão narrativa de literatura, cuja metodologia, segundo Hohendorff (2014), busca, inicialmente, organizar, integrar e analisar de forma crítica literaturas pré-existentes sobre um problema determinado, visa compreender o fenômeno do suicídio à luz do referencial teórico psicanalítico freudiano, o qual auxiliará na investigação e interpretação dos fenômenos, com a finalidade de fomentar reflexões sobre a natureza subjetiva das ideações e comportamentos suicidas. Semelhantemente, os métodos se associam por fundamentarem a análise contemporânea do fenômeno, alçado nos princípios norteadores de sua concepção, os quais visam investigar se o elemento surpresa presente na situação traumática, acompanhado pelo medo do desconhecido, bem como pela angústia da iminência da morte, dificultam a representação simbólica do evento sobre a realidade psíquica. A partir dessa percepção, amparada pelo viés da psicanálise, será possível certificar que, por meio da palavra, é possível compreender os aspectos inconscientes, bem como rememorar e elaborar psiquicamente o inapreensível, sem que o evento traumático cause dor, a fim de promover ressignificação simbólica de determinado evento (Freud, 1920/2010a).

## Resultados e discussão

As transformações históricas sobre a concepção de suicídio dizem sobre a localização geográfica, contexto socioeconômico, período, cultura e religião<sup>1</sup>, onde tais fatores são determinantes frente ao modo como a sociedade comprehende o suicídio. A maneira como o fenômeno é apreendido pela sociedade pode ser um fator desencadeador de crises e dificultar a elaboração de lutos dessa natureza, os quais podem acentuar ou minimizar sentimento de culpa e medo relacionados ao sofrimento psíquico (Martin et al., 2022). Esse pensamento é corroborado por Jorge e Ferreira (2005), amparados pelo entendimento Lacaniano, o qual fundamenta em sua teoria a premissa de que a linguagem, enquanto sistema simbólico, exerce uma influência determinante sobre a formação do sujeito desde antes de seu nascimento até após sua morte. Desde os estágios iniciais de desenvolvimento, o bebê é imerso em um contexto linguístico carregando consigo as fantasias dos pais, elementos culturais, a posição de classe, uma língua específica, bem como as características da época histórica, entre outros fatores influenciadores.

Constatando que o suicídio se interrelaciona com múltiplas causas, como aspectos inconscientes, fatores biológicos, socioculturais, religiosos, filosóficos e intrapsíquicos, que influenciam a constituição subjetiva do sujeito (Cassorla, 2017), não se eximindo processos ou experiências ocorridas na infância e traumas inconscientes, bem como não exclui estados psicóticos ou desordens sociais (Kovács, 1992), antes, esclarece-se que, em determinadas situações, a combinação desses fatores pode intensificar sensações e sentimentos, levando o sujeito a perceber a morte como único alívio para a dor, configurando-se como um evento final (Damiano et al., 2021; Cassorla, 2021). A asseveração de que o fenômeno não se restringe apenas a estados psicóticos ou desordens sociais é corroborada por Dunker (2023), o qual acrescenta as desestabilizações sociais e econômicas, como a vivenciada na pandemia da COVID-19, como potenciais

---

<sup>1</sup> Sobre as formas de entender o suicídio, Roudinesco nos explica que estas se transformaram ao longo dos séculos: “[...] o destino do suicídio nas sociedades ocidentais é comparável ao da homossexualidade\*, da loucura\* ou da melancolia\*. Rejeitado pelo cristianismo como um pecado, um crime contra si mesmo e contra Deus, ou então, como uma possessão demoníaca, o suicídio escapou à condenação moral no fim do século XIX, transformando-se em sintoma não de uma necessidade ética, de uma revolta ou de uma dor de viver, mas de uma doença social ou psicológica, estudada com a objetividade de um olhar científico” (Plon & Roudinesco, 1998, p.740).

intensificadores de distintas dimensões do sofrimento psíquico, pelas quais advêm sintomas somáticos, estados depressivos ou mesmo levar a traumas e ao suicídio, pois dizem da integração social e sobre a subjetividade do sujeito.

Diante disso, as transformações históricas, culturais e sociais atuais influenciam a compreensão psicanalítica do suicídio, bem como sua relação com a melancolia, considerando os aspectos pulsionais, associados a interação corpo e mente na constituição subjetiva do sujeito. A melancolia e as pulsões se interrelacionam e elucidam sobre certos comportamentos autodestrutivos, ao passo que viabilizam espaço para investigações e interpretações diante das implicações do trauma e do luto nas formas de subjetivação do sujeito.

Partindo do princípio freudiano do suicídio como autopunição, a melancolia proporciona base conceitual para a compreensão sobre o suicídio. Na melancolia as autorrecriminações podem se expressar sob formas de autolesões e formação de sintomas físicos e psicopatológicos. Apoiada nessa discussão, a descrição nosográfica da melancolia proposta por Freud (1917[1915]/2010b) em "Luto e Melancolia" é tomada como um dos pontos de partida para compreensão das idiossincrasias presentes nesse fenômeno. Dessa forma, Freud define o quadro por uma condição marcada por sentimentos de desamparo e desesperança resultantes do vazio causado pela perda de um objeto de amor<sup>2</sup>. Freud destaca que, ao contrário do luto, a melancolia gera desânimo, inibição nas atividades cotidianas e diminuição da capacidade de amar, além de causar lembranças persistentes do objeto perdido, bem como esforços para compreender essa perda. Esse processo pode envolver sentimento de culpa, vergonha e dor, assim como investimentos voltados para a transformação do Eu. Todavia, o empobrecimento do Eu e a perda da autoestima nutritas por um vazio revelam uma predisposição patológica à melancolia, propiciando o surgimento de sintomas somáticos e comportamentais repetitivos manifestos por via de conteúdos inconscientes 1917[1915]/2010b).

---

<sup>2</sup> Em relação a melancolia, Roudinesco esclarece pontualmente sobre sua relação com o suicídio, apesar do olhar sociocultural denota-la como loucura, esta é capaz de conduzir ao suicídio: "Termo derivado do grego melas (negro) e kholé (bile), utilizado em filosofia, literatura, medicina, psiquiatria e psicanálise\* para designar, desde a Antiguidade, uma forma de loucura\* caracterizada pelo humor sombrio, isto é, por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de conduzir ao suicídio\*, e por manifestações de medo e desânimo que adquirem ou não o aspecto de um delírio." (Plon & Roudinesco, 1998, p.505).

As autoacusações advindas do melancólico estão sob domínio do simbólico, segundo Lacan (2010), o qual ressalta dizerem sobre as particularidades do objeto perdido que levam ao suicídio pelo remorso, pois tal objeto tocou o desejo e desapareceu. Assim, o desvio do padrão ideal do Eu é sempre um motivador no quadro melancólico, volta-se ao ato autodestrutivo, punitivo, de características negativas, autoacusações e hostilidades contra si, sobrevindo à pulsão de autopreservação (Ferracioli et al., 2019). Ainda, sob tal prisma, a correlação entre o suicídio e a melancolia, proposta por Freud, descreve como o Eu volta contra si a hostilidade percebida no ambiente externo. O processo de autodestruição percebido pela identificação com o objeto perdido suscita a aniquilação do Eu. Ocorre que o investimento econômico direcionado ao objeto é reiterado para si, resultando em oscilações entre sentimentos ambivalentes de amor e ódio, como também hostilidades e ofensas ao próprio Eu. Dessa maneira a relação ambivalente se assemelha ao sadismo, no que diz respeito ao suicídio, da mesma forma que a regressão da libido frente à identificação narcísica com o objeto de desejo encontra-se sob um percurso libidinal desviante (Freud, 1917[1915]/2010b):

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu (Freud, 1917[1915]/2010b, p. 133).

O fragmento freudiano evidencia que o deslocamento da libido, previamente investida em um objeto amoroso, ocorre com a finalidade de se desvincular desse objeto. Apesar dessa transformação buscar novas significações, esse novo investimento não se mostra resistente o suficiente, assim, não se liga a um novo objeto e recai sobre o Eu, o que resulta em seu empobrecimento. Nessa perspectiva, a melancolia revela algo inconsciente ao se manifestar por intermédio de sentimentos hostis direcionados ao retorno do objeto perdido, na verdade volta-os para o investimento do Eu, tratando a si mesmo de maneira semelhante ao objeto perdido, assumindo uma posição de domínio sobre o Eu por considerar o próprio corpo como o objeto perdido. Em vista disso, o suicídio em estados melancólicos reflete a morte do objeto de amor perdido. A descrição demonstra a perda do objeto e os sentimentos ambivalentes de amor e ódio os quais conduzem a autocriticas obsessivas. Enquanto isso, o dispêndio de investimento culmina

na elaboração do trabalho de luto melancólico como uma tendência maníaca associada à regressão da libido narcísica (Freud, 1917[1915]/2010b).

A distinção entre melancolia e luto evidencia tanto semelhanças quanto diferenças marcantes. Ambos compartilham aspectos como a perda do objeto, o conflito entre amor e ódio e a regressão da libido ao Eu. Contudo, diferem significativamente na perda da autoestima e no empobrecimento do Eu, característicos da melancolia, que indicam uma perda objetal inconsciente e uma maior inclinação para predisposições patológicas, aproximando-a de quadros somatizadores. Em contraste, quadros psicogênicos derivados de conflitos inconscientes não dependem de causas biológicas ou ambientais, diante disso, questiona-se sobre a estrutura melancólica e suas particularidades destrutivas, bem como sua relação com a pulsão de morte (Freud, 1917[1915]/2010b; Dunker, 2023).

Os processos inconscientes descritos expressam o jogo das forças pulsionais em suas manifestações subjetivas. Em seu trabalho intitulado "*Os instintos e seus destinos*"<sup>3</sup>, Freud, (1915/2010c) esclarece, ainda de forma introdutória, os conflitos pulsionais e suas influências diante das particularidades humanas. Ao sublinhar sobre a interação entre o somático (corpo) e o psiquismo (mente), reconhece-se a pulsão como um conceito fundamental na teoria psicanalítica e sua relevância quanto ao entendimento dos desejos e comportamentos inconscientes. Freud argumenta que “[...] o “instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo”.(Freud, 1915/2010c, p. 42). Em outros termos, Freud identifica que a pulsão, enquanto força circundante, surge no interior do corpo e afeta a mente. Isso requer afirmar que a pulsão é uma forma de trabalho imposto à psique pela conexão com o corpo. A pulsão expressa a complexa interação entre os aspectos somáticos e psíquicos da experiência humana, tal como o inconsciente que se apresenta como mediador entre o somático e o psíquico, apesar de serem conceituados de formas distintas. Os estímulos se manifestam no corpo (exógenos) e afetam a mente (endógenos), formando a base para o entendimento dos desejos inconscientes, das ações, sensações e sentimentos experimentados pelo sujeito. Nesse

---

<sup>3</sup>Cabe salientar que embora esta edição da companhia das letras identifique o processo psíquico por impulso, entendemos instintos por pulsão.

sentido, a concepção de pulsão permite a Freud investigar a intricada relação entre o corpo e a mente, promovendo insights importantes sobre a psicodinâmica e da vida psíquica.

Ao longo de sua obra, Freud identifica uma propensão à autodestruição manifestada nos ferimentos auto infligidos e nos suicídios, consumados ou não. Inicialmente, essa propensão é descrita como um sadismo dirigido contra o Eu. Posteriormente, a partir de "*Além do princípio do prazer*", Freud (1920/2010a), a conceitua como uma expressão pura e autônoma da pulsão de morte (Ferracioli et al., 2019). Essa abordagem singular adotada por Freud em sua obra, embasada na teoria metapsicológica a partir de suas próprias vivências associadas a formulações teóricas e reflexões sobre a morte, advém do seu trabalho com pacientes neuróticos durante a guerra. Tais formulações ganham ainda mais relevância ao serem articuladas com os desdobramentos experienciados durante as guerras, especialmente no que diz respeito aos impactos psicossociais observados nesses pacientes neuróticos. Semelhantemente, as influências da pandemia e da sociedade contemporânea parecem ocasionar impasses entre as pulsões, traduzindo-se em um aumento significativo do sofrimento psíquico e, em alguns casos, no autoaniquilamento enunciado como suicídio.

Apesar da pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tanatos), ambas serem conservadoras, se contrapõem, ocasionando um impasse psíquico que pode culminar em comportamento suicida. Dada relação complexa entre as forças pulsionais interfere na vida cotidiana, ora surgindo por meio de impulsos de destruição, ora pela repressão que desencadeia patologias e leva à aniquilação do sujeito. Por isso a pulsão de morte busca a dissociação de conexões e o retorno ao estado anterior, onde sua destrutividade é desviada, irrompendo em hostilidades contra o próprio Eu. Tais manifestações silenciosas só podem ser percebidas de forma externa por meio do instinto de destruição, influenciando os processos internos de maneira implícita (Freud, 1940 [1938]/2010d).

A pulsão de morte opera de forma silenciosa, imprime no psiquismo tendências compulsivas e autodestrutivas, as quais o Eu busca mediação por meio de defesas. Nesse quesito, Birman (2020) afirma que, as formações sintomáticas, resultantes de conflitos psíquicos inconscientes, desenvolvem-se a partir de duas ordens, sendo elas: a angústia real do psiquismo, manifestada como um sinal do impacto traumático, e o trauma enquanto experiência desestruturante. Durante o recente período pandêmico, foi observada a sensação de fragmentação corpórea, correlacionada à dissociação psíquica e

ao distanciamento social como fator impulsionador da depressão, que, por sua vez, pode levar ao suicídio, dadas essas condições existenciais restritivas. Os rituais compulsivos-obsessivos, principalmente relacionados à limpeza, expressam a angústia do real, que emerge da sensação de vulnerabilidade e impotência diante do terror da morte, levando a ciclos repetitivos de obsessão como forma de distanciamento da morte. Além disso, a vulnerabilidade psíquica, oriunda do desamparo originário, associada à busca por atenuar o sofrimento psíquico por meio de substâncias psicoativas ou ilícitas, intensificaram-se no cenário da pandemia. Esse quadro gerou desamparo, intensificado, sobretudo, pelos enterros realizados de forma indigna, em valas e fossas coletivas, e pela impossibilidade de realizar os rituais fúnebres culturais. Birman (2020), tal como Dunker (2023), também afirmam: o luto envolve essa dimensão coletiva, mas também se relaciona aos aspectos subjetivos do sujeito.

Ponderando, até a instauração de um trauma, vive-se certa homeostase permeada pela relação das representações dos objetos da fantasia. Todavia, a quebra dessa fantasia requer movimentos de elaboração do luto, bem como sua reestruturação entre o simbólico e o imaginário. Não obstante, as dificuldades de integração do excesso de dor, tornam o evento oprimente, pois o aparelho psíquico tem dificuldades de assimilar o evento traumático, o qual insere-se no campo do sem sentido (Jorge, 2010). Isto posto, o trauma, de acordo com Freud torna-se dispensioso pela intensa perturbação circundante que coloca à prova mecanismos de defesa: “Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa” (Freud, 1920/2010a, p.141). Assim dizendo, a entrada de estímulos excessivos no aparelho psíquico desencadeia mecanismos de defesa contra a ameaça de aniquilação do sujeito. Esses estímulos ocasionalmente são experiências reprimidas indesejáveis ou traumáticas que demandam serem elaboradas via consciência, no entanto são revividas de forma compulsiva por meio da repetição de situações análogas. Esta repetição resulta em tensão e impulso autodestrutivo, gerando tanto desprazer quanto prazer de forma instantânea. Ademais, as experiências reprimidas podem emergir de forma distorcida ou compulsiva, por vezes proporcionando ganhos secundários que protegem o desejo do sujeito. É notável que a repetição não é necessariamente impulsionada pela morte, antes, pela busca da conservação da vida, retornando aos estágios primitivos e inatos do ser humano, onde a repetição está sob o

domínio do prazer. Entretanto a ausência da representação simbólica da dor levaria o sujeito a repetir compulsivamente dada situação como tentativa de elaboração, bem como as manifestações somáticas sobrevirem como forma de cura, dada a falha dos mecanismos de simbolização. (Freud, 1920/2010a).

Nesse sentido, são inegáveis os impactos que a pandemia causou no cenário contemporâneo, seja em relação a perdas reais (entes queridos) ou simbólicas, como perdas sociais, econômicas, de tradições histórico-culturais, da fé, entre outras, que, segundo Birman (2020), refletiram em traumas, agravando quadros de ansiedade e depressão, os quais já eram significativos, expondo a vulnerabilidade na qual a sociedade se encontrava. As adaptações instituídas pelos protocolos de segurança sanitária durante o período pandêmico, devido ao alto risco de contaminação, geraram diversos impedimentos, dentre eles a realização de rituais simbólicos tradicionais em cerimônias de despedida. Esses rituais, culturalmente estabelecidos, desempenham um papel importante na elaboração das perdas, pois facilitam a minimização de sentimentos de angústia e sofrimento, criando espaços para despedidas, compartilhamento de histórias, expressão de raiva e dor, comunicando o quanto o corpo em si é carregado de significados. O cenário, associado a um período de isolamento incisivo, pode levar à estados patológicos, pois as mortes causadas pela COVID-19 intensificaram a dor, situando-a em um espaço de desamparo, solidão e abandono, causando sentimentos e sensações inapreensíveis. Tanto as medidas de proteção, quanto a ausência de espaço elaborativo para o luto, podem desencadear ou acentuar quadros depressivos, ansiedade e lutos patológicos, constatando que a impossibilidade de despedida pode levar a complicações no percurso elaborativo do luto (Lourenço & Kobori, 2022). De tal forma, o luto está associado a diversas causas, as quais podem ser oriundas de processos coletivos relacionados aos contextos histórico, político e social. Os lutos podem se sobrepor uns aos outros gerando uma série de cadeias que ultrapassam a memória subjetiva e coletiva incidindo sobre toda a vida do sujeito, ligando-se a outros lutos. É nesse aspecto que, em certas situações de suicídio, os lutos são atravessados e repetidos por uma cadeia associativa que tornam o processo penoso e complexo (Dunker, 2023).

Fundamentado nesse prisma, do ponto de vista dinâmico, o segundo dualismo pulsional, de acordo com Jorge (2010), evidencia que o inconsciente, o recalcado, é presumido não como resistente, mas como insistente. Logo, a tendência à pulsão de

morte, ou ainda, pulsão de destruição, destrutiva, agressiva, como surge ao longo da obra de Freud, até sobrevir a consolidação do conceito em pulsão de morte, pode ser discernida pelo entendimento de que todas as pulsões se definem conservadoras, tendendo ao retorno do estado anterior. Embora, a pulsão de morte também se direciona ao retorno do estado anterior, nesse caso aponta para o retorno ao inorgânico, visa conservar o não-ser, a desintegração, a falta de estímulo de deslocamento e a vida, bem como a busca pela eliminação das tensões. Originária do corpo, essa pulsão influencia regularmente os processos psíquicos, levando à compulsão pela repetição devido ao impasse gerado pela representação, seja por meio de símbolos ou palavras. Essa compulsão se manifesta por intermédio do deslocamento da energia interna circulante para o exterior, resultando em representações simbólicas distorcidas que, apesar de sua natureza simbólica, provocam desestruturação (Freud, 1920/2010a). Ressalta-se, ainda, que a autodestruição motivada por essa força pulsional é nutrida por aspecto correlacionado ao desejo do recomeço, designa o paradoxo entre o caráter aniquilador e um impulsionamento criador (Lacan, 2008).

Constata-se o princípio do prazer como força motivadora para a busca da gratificação imediata dos impulsos internos, sem considerar as demandas externas. Contudo, o desejo humano, ao confrontar a realidade externa, impõe limitações ao desejo. Nesse sentido a satisfação dos desejos nem sempre é viável ou aceitável no contexto real, resultando em sentimentos de frustrações e desilusões (Zimerman, 1999). De tal modo que “O princípio de realidade era, até então, concebido como um princípio de regulação psíquica que impunha à procura de satisfação desvios, paradas, substituições e sobretudo renúncias” (Garcia-Roza, 2009, p.132), isto é, o princípio do prazer visa a gratificação imediata, diferentemente do princípio de realidade que atua como um mecanismo de regulação psíquica ao direcionar a satisfação para caminhos mais adaptativos, levando em conta as demandas e limitações do ambiente externo. Assim, o princípio da realidade se apresenta como uma instância que promove a moderação dos impulsos do princípio do prazer, buscando preservar a integridade do Eu e evitar sentimentos de frustrações ou o recurso a estratégias mais regressivas e fantasiosas. O pensamento é testificado por Jorge (2010), para cujo autor lacaniano, o princípio do prazer visa a satisfação imediata e a minimização das tensões e/ou perturbações psíquicas. Opera enquanto regulador interno, almejando alcançar um estado de equilíbrio psíquico com finalidade de gratificação das

necessidades versus a minimização do desconforto. Tal perspectiva ressalta o alívio da tensão e da busca pelo prazer como motivações fundamentais inerentes às particularidades do ser humano.

Em última análise está implícito na compulsão à repetição a pulsão de morte, a qual busca se aproximar do gozo. Substituir as pulsões, desejos, fantasias e as compulsões pela rememoração permitiria a ressignificação desses afetos de angústia (Freud, 1914/2010e; Garcia-Roza, 2009). Inevitavelmente, o ato de findar a própria vida pode ser resultado de experiências traumáticas, ao passo que desvelar e atribuir significado a essas experiências se faz necessário para a abertura de um espaço onde o inapreensível possa ser nomeado. Isso implica que a linguagem desempenha um papel crucial no reconhecimento e elaboração dos conteúdos inconscientes associados a essas experiências. Nesse sentido, a ausência da palavra como forma de expressão da dor pode facilitar o impulso de se suicidar (Garcia-Roza, 2009; Macedo & Werlang, 2007). A Psicanálise, enquanto método investigativo, interpretativo e de tratamento analítico, viabiliza novos significados por intermédio da rememoração dos conteúdos inconscientes, isto é, vivências traumáticas e dolorosas reprimidas surgem durante a associação livre. A repetição transferencial ocorrida durante o processo permite o entendimento dos modos de subjetivação do sujeito e conduzem à elaboração de situações que lhe causam dor. Aspiram-se transformações nos padrões repetitivos a partir do emprego de significado, posto que, os processos psíquicos, ao se ligarem a um representante simbólico, promovem sentidos ao irrepresentável (Freud, 1914/2010e).

### **Considerações finais**

O fenômeno do suicídio relaciona-se a múltiplas causas que vão desde fatores históricos, sociais, biológicos, intrassubjetivos e intersubjetivos, até a forma com que é concebido em determinada sociedade, os quais podem ser potencializadores de tais pensamentos e comportamentos. Buscando compreender a natureza motivadora de tais sentimentos, sublinhou-se que a melancolia se constitui por sentimentos de desamparo, desesperança e vazio oriundos da perda de um objeto de amor, onde a intensa tristeza pode culminar em suicídio. As relações objetais intrínsecas ao quadro melancólico estão correlacionadas à identificação com o objeto perdido que levam ao aniquilamento do Eu.

Tal descrição nosográfica viabiliza a distinção do quadro de melancolia do processo de luto e circunscreve a dialéticaposta pelo trauma entre o real e o imaginário do sujeito, o que requer sua reestruturação psíquica.

Todavia, a integração do excesso de dor evidencia o quanto o evento é custoso, dada a dificuldade que o aparelho psíquico tem de assimilar sensações e sentimentos, tornando-se inapreensível em termos psíquicos. Desse modo, identifica-se que a entrada de estímulos excessivos no aparelho psíquico move mecanismos de defesas contra a aniquilação do sujeito. Embora manifestem-se por meio de comportamentos repetitivos ou conteúdos distorcidos, tendem inevitavelmente a um estado de conservação da vida, um estágio anterior onde a repetição não está, senão sob o domínio do prazer.

Constata-se que as dificuldades de representação simbólica ocasionam em compulsão à repetição, a qual é inerente à pulsão de morte. Nesse aspecto, substituir tais pulsões por intermédio da rememoração desses afetos de angústias permitiriam o emprego de sentido a vivências inapreensíveis, impreterivelmente do campo do traumático, onde a rememoração de aspectos inconscientes permitiria reconhecer os traumas conduzindo à elaboração e ressignificação do determinado evento.

## Referências

- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas* (1º ed). Civilização Brasileira.
- Brasil. (2021). Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. *Boletim epidemiológico*, 52(33). <https://abeps.org.br/manuais/#min-saude>
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: Fatores Inconscientes e Aspectos Socioculturais: uma introdução*. Blusher.
- Cassorla, R. M. S. (2021). *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*. Blucher.
- Cruz, A. D. G. da, Resende, D. de S., & Reis, J. B. W. de O. (2019). A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. *Reverso*, 41(78), 35–44.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952019000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200004)

Damiano, R. F., Luciano, A. C., Cruz, I. D. G. da, & Tavares, H. (2021). *Compreendendo o suicídio*. Manole.

Dunker, C. I. L. (2023). *Lutos finitos e infinitos* (1º ed). Planeta do Brasil.

Ferracioli, N. G. M., Oliveira-Cardoso Érica Arantes de, Vedana, K. G. G., Pillon, S. C., Miasso Inocenti, A., Souza, J. de, Risk, E. N., Oliveira, W. A. de, Leonidas, C., & Santos, M. A. dos. (2019). Os bastidores psíquicos do suicídio: uma compreensão psicanalítica. *Vínculo*, 16(1), 17–28. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v16n1p17-28>

Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer (1920). Em *Obras completas vol. 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Vol. 14). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010b). Luto e melancolia (1917[1915]). Em *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Vol. 12). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010c). Os instintos e seus destinos (1915). Em *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Vol. 12). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010d). Compêndio de psicanálise (1940 [1938]). Em *Obras completas vol. 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (Vol. 19). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010e). Recordar, repetir e elaborar (1914). Em *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relato em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911 - 1913)*. (Vol. 10). Companhia das Letras.

Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (24º ed). Jorge Zahar.

Hohendorff, J. Von. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. Em S. H. Koller, M. C. P. de P. Couto, & J. Von Hohendorff (Orgs.). *Manual de Produção Científica*. Grupo A.

Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* (1º ed, Vol. 2). Zahar.

Jorge, M. A. C., & Ferreira, N. P. (2005). *Lacan, o grande freudiano*. Zahar.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo.

Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (2º ed). Zahar.

Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência* (2º ed). Zahar.

- Lopes, H. D. (2007). *Suicídio: causas, mitos e prevenções*. Hagnos.
- Lourenço, G. O., & Kobori, E. T. (2023). pandemia e o luto sob o olhar psicanalítico: Uma revisão de literatura. *Psicologia Argumento*, 41(113). <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.113.ao06>
- Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(1), 86–106. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000100006>
- Martin, I. dos S., Silva, A. C., Pedrollo, L. F. S., Leocádio, M. A., & Vedana, K. G. G. (2022). *Prevenção do risco de suicídio: Guia para profissionais da saúde*. Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.941220809>
- Plon, M., & Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Zahar.
- World Health Organization. (2022). *World mental health report: transforming mental health for all*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Artme